



UNIVERSIDAD DE CIENCIAS
EMPRESARIALES Y SOCIALES
www.uces.edu.ar

INSTITUTO DE ALTOS ESTUDIOS EN PSICOLOGÍA Y CIENCIAS SOCIALES
(IAEPCIS) "David Maldavsky"

Doctorado en Psicología

Departamento de Investigaciones

**XVII Jornadas Internacionales de Investigación en
Psicología UCES 2021
XIX Jornadas Internacionales de Actualización del
Algoritmo David Liberman
II Simposio de especialistas en Salud Mental en Emergencias y Desastres**

A clínica de (um)aprender – montagens transdisciplinares entre Psicopedagogia e Filosofia

Neusa Kern Hickel¹

Resumo

Neste trabalho de predominância teórico-conceitual, busca-se reverter *aprendizagem* em um território estranho: na Filosofia da Diferença. Deslocamento que faz aparecer aprender em imanência à vida – *aprender: uma vida* – e, logo em singularidade, *(um) aprender*, perspectivando-se como *acontecimento* no tempo: inatual, intempestivo. Em sua dimensão empírica toma histórias clínicas no arquivo da memória. É *(um) aprender* implicado ao sofrimento (*não aprender*), entalado no arquivo do corpo, que pede, em sua mudez, por expressar-se. Suas precárias bordas tornam visíveis uma potência (*aprender-não*), através de restos que se fazem testemunhos. Foi preciso tecer inesperadas intercessões até que o pensamento ficasse sem imagem e contestasse representação, bom senso e senso comum do pensar; que a literatura em seus modos disfuncionais de dizer afectos-perceptos invadissem a Clínica, criando-lhe desvios ficcionais; que um próprio dispositivo clínico da Psicopedagogia (território de empiria), o Psicodrama, pudesse dizer-se na desconexão das significações fixas e no desdobramento de outros signos. Nesse plano rizomático, os conceitos são máquinas fazendo pensar, dobrando e desdobrando-se em proliferações, fazendo ecoar ruídos ensurdecedores a sacudir lençóis de tempo contra o esquecimento e a morte da memória. Reiteram-se os restos, até que experiências clínicas se conotem por buscas no seu acontecimento, até que uma diferença tenha se feito gesto de dessubjetivação e que o encenar abra os dramas às relações maquínicas, pela fuga à funcionalidade e representação.

Palavras-chave: aprender; imanência; clínica transdisciplinar.

Abstract

In this work of conceptual theoretical predominance, we seek to reverse learning in a strange territory: the Philosophy of Difference. Displacement that makes learning appear immanent to life – learning: a life – and, soon in singularity, (a) learning, considering itself as an event in time: in actual, untimely. In its empirical dimension it takes clinical histories in the memory archive. It is (a) learning implied by suffering (non-learning), stuck in the body's file, which asks, in its

¹ Doutora em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI/UFRGS, Brasil); psicopedagoga clínica; didata e psicodramatista em Psicopedagogia Clínica, por E.PSI.B.A. E-mail: neusahickel@yahoo.com.br

muteness, to express itself. Its precarious edges make visible a power (learn-not), through remains that become testimonies. It was necessary to weave unexpected intercessions until thought ran out of image and challenged representation, common sense, and common sense in thinking; that Literature in its dysfunctional ways of saying affect-percepts invaded the Clinic, creating fictional deviations; that a very clinical device of Psychopedagogy (territory of empiricism), the Psychodrama, could be said in the disconnection of fixed meanings and in the unfolding of other signs. In this rhizomatic plane, concepts are machines making thinking, folding, and unfolding in proliferations, echoing deafening noises shaking sheets of time against forgetting and the death of memory. The remains are reiterated, until clinical experiences are connoted by searches in their event, until a difference has been made a gesture of desubjectivation and the staging opens the dramas to machinic relations, by escaping from functionality and representation.

Keywords: learn; immanence; transdisciplinary clinic.

Introdução

Somente quando se abriu, em uma linha de pesquisa transdisciplinar vinculada com outros modos de ver a clínica e a subjetividade, é que uma insistente pergunta sobre a aprendizagem se desloca, escapando, enfim, das hierarquias próprias da representação. O primeiro gesto de deslocamento se estabelece com a expressão “aprender: uma vida...”, tornando visível uma apropriação sobre o sentido demarcado por Deleuze (2002) para *A imanência: uma vida*. É a vida individualizada dando lugar à impessoalidade, ao processual próprio do acontecimento e afirmada na singularidade de *um aprender*. A passagem de aprendizagem para o infinitivo *aprender* agencia *aprender* e *vida*, cria um fluxo de continuidade e potência, evidenciando a relação intrínseca entre pensar e sentir nas quais as sensações, os afetos e a imaginação tomam parte. O que possibilita o movimento é a problematização da relação, dita natural, entre pensamento e verdade, a crença de que todos pensam e sabem o que é pensar, próprias de uma *imagem de pensamento dogmática*, atestando a naturalidade, a veracidade e o bom senso. Tal prejulgamento do pensar e do pensamento se constituem, nessa crença, universais na “forma da representação ou da reconhecimento em geral” (Deleuze, 2006, p. 191).

A problematização permite o esburacamento desse tecido dogmático, dando visibilidade a outros conceitos e operações, bem como à heterogeneidade da vida e, nesta, às movências e aos fluxos contínuos do tempo, onde (um) aprender está na duração. Diz-se de (um) aprender como potência, de efetuações e afetos, entre os quais a razão foi transmutada: “donde todo o problema de a razão ser convertido por Spinoza em um caso especial do problema geral dos afetos. Isto é muito novo. Dizer que a razão não se define (apenas) pelas ideias. [...]. Forçosamente é um conjunto de afetos” (Deleuze, 2008, p. 107).

Objetivos, material e métodos ou instrumentos

A clínica de (um) aprender, aqui referida, é parte de uma pesquisa de predominância teórico-conceitual e uma margem empírica composta por histórias clínicas de arquivos da memória, visando mapear os sentidos que se produzem quando um conceito tal como *aprendizagem* é posto em contato com a Filosofia da Diferença. Efetuou-se no processo de doutoramento, concluído com a Tese *Vestígios Restos Gestos: testemunhos de autoria* (Hickel, 2015) pelo Programa de Psicologia Social e Institucional, da Linha de Pesquisa *Clínica, Subjetividade e Política* (PPGPSI/UFRGS/Brasil), e publicada com reformulações sob a denominação *Clínica de (um) aprender: autorias em devir* (Hickel, 2021).

A concepção de (um) aprender estabeleceu-se em um plano de experiência com a Filosofia da Diferença, possibilitando operacionalizar uma série de deslocamentos, a começar por concepções de aprendizagem vigentes para o infinitivo *aprender*. (Um) aprender, literalmente, se apresenta, ou seja, está em uma dimensão impessoal, desprovido de sujeito e objeto e em plena passagem entre um virtual e uma atualização. A singularidade, portanto, grifa *(um) aprender*. Logo, aprendizagem passa a ser compreendida como processo decorrente do acontecimento de (um) aprender.

São as teses de Gilles Deleuze sobre a imanência e a produção de diferença (2006); sobre memória e signos no aprender (2003); sobre duração e o tempo contínuo, com Bergson (2006); sobre o inatual e a genealogia com Nietzsche (1998) e sobre os gêneros do conhecimento com Spinoza (Deleuze, 2008) que funda esse território teórico-conceitual inicial. Entretanto, uma provocação do percurso demanda um desvio com temas de Giorgio Agamben, tais como *potência do pensamento* (2006), *experiência* (2005) e *testemunho* (2008), este último agregando Michel Foucault (2012) com seus escritos sobre *arquivo*. É quando entram em cena experiências clínicas efetuadas no enquadre psicopedagógico, tendo como instrumento o psicodrama em Psicopedagogia, buscados no arquivo memorial da pesquisadora. Em concomitância com as novas articulações, engendra-se mais uma concepção, caracterizando o tempo onde (um) aprender está caído, dito como *aprender-não*. Diferenciando-se de não aprender – pois esse é tempo do sofrimento entalado no corpo, o aprender-não está como potência, possível de expressar-se ou não.

Aprender-não assume a posição de testemunho, chega através de fragmentos de histórias clínicas, por sua vez perspectivadas e realocadas em outros desdobramentos. As cenas vivenciadas no âmago de psicodramas em Psicopedagogia, abordagem criada por Alicia Fernández (2001), são transversalizadas pela dimensão da arte e a literatura, na especificidade da *crítica-clínica*, como outro modo de dizer/olhar (Deleuze, 1997).

Outra não poderia ser a metodologia senão a que reverte os modos de pesquisar – a *cartografia*. Nesse caso, a cartografia aliançada com o testemunho e as investigações de arquivo, e ainda o próprio psicodrama enquanto dispositivo sob análise. Mapear, abrir arquivos e testemunhar são ações, em termos metodológicos, que objetivam apreender as estratégias sintonizadas com buscar, no sentido conferido por Deleuze (2003), implicada com a temporalidade e acionada pelos signos; e também com o proposto por Agamben (2008) quanto ao que resta. Resto – não uma sobra, mas uma “contração de tempo”, uma dobra: “indica muito mais um hiato, uma lacuna, [...] que funda a língua do testemunho” (2008, p. 159). O resto, portanto, corresponde ao tempo de agora lidando com o já dito.

A cartografia é uma modalidade que acompanha processos em suas conexões, uma operação *rizomática*, com numerosas ramificações, abertas no andamento de uma pesquisa, onde nenhuma delas é tida como a principal ou unitária. Proceder-se por (des)dobramentos, conexões em um ponto qualquer, na heterogeneidade e na multiplicidade. A força dos procedimentos cartográficos reside em ter sempre um meio para crescer, ou seja, transbordar e tornar a produzir outras conexões (Deleuze & Guattari, 1995). Um rizoma constitui um mapa aberto, conectável e suscetível de receber modificações constantemente. Como modalidade não prescritiva, ao invés de *méta-hódos* (as metas determinando o caminho), propõe escolhas em um *hódos-meta*, ou seja, um caminho como método “para ser experimentado e assumido como atitude”, fazendo das “pistas” encontradas, no meio ou nos pontos de bifurcação, a orientação para o percurso. A análise sistemática dos efeitos de pesquisar faz da cartografia “o traçado do plano de experiência, acompanhando os efeitos do próprio percurso da investigação” (Passos, Kastrup & Escóssia, 2010, p. 17-25).

Processo, resultados e conclusões

Como se pode observar pelo transcurso do processo, a seleção e a constituição de conceitos em um conjunto se mostram aparentemente emaranhadas; a pergunta inicial permanece, mas entra em colapso pelo movimento de desdobramento e/ou superposição, qual seja, se desprega emitindo outros sinais, e a pesquisa está sempre em busca de uma terceira margem. Assim, o corpo do texto vai correspondendo a esse movimento, sendo ele próprio um *plano de experiência*, inclusive da experiência de escrita, e, na medida em que se posta entre demarcadores, vai consistindo, isto é, cria um *plano de consistência*.

Para Deleuze (2006, p. 236), aprender é o nome atribuído “aos atos subjetivos operados em face da objetividade” de uma situação problemática e problematizante, implicando sempre em buscas temporais, provocadas pelos signos. São as experiências, contidas

nas histórias clínicas em busca de suas expressões, escapando de zonas do indizível, que emitem signos, se apresentam como coisas ditas, escritas e entre não ditas a exigir seu desenrolar. Não pedem linearidade, mas perguntam como se tornaram possíveis e por outros modos de dizer-se.

Assim, os arquivos são vasculhados transversalmente, aposta híbrida, mapeando pistas e planos. Experiências/histórias clínicas tomam voz como testemunhos de situações implicadas às vicissitudes na aprendizagem. Buscam novos sentidos, fundam a *língua do testemunho*, atravessam embates agônicos com a *Filosofia da Diferença*, tornando visíveis os caminhos coabitados e fazendo emergir processos de criação, dentre várias clínicas, nessa *clínica de (um) aprender*.

Memórias tornam a se apresentar, dizem que a clínica de (um) aprender tem como problema o pensamento pelo seu viés de criação e, como perspectiva, a intimidade entre vida-aprender-pensar. Essa nova imagem de pensamento não dogmática confronta e reverte o estado das coisas imutáveis, das representações e hierarquias; perceptos e afectos das artes conferem ficção aos modos de dizer; um psicodrama em Psicopedagogia passa a ser dispositivo para a desconexão das significações dadas, permitindo que outros signos ganhem voz em tempos e espaços singulares. São rumos através de outros modos de aprender (a pesquisar, a escrever), aproximando acontecimentos sensíveis ao pensamento. Clínica que busca o desvio, desvia também o andamento do que se produz: problematiza, desloca, inventa. Com uma memória pessoal, “falam também os encontros com a impessoalidade, com a morte de quem escreve, com uma escrita incorporada ao desaparecimento e à aderência de vozes onde os traços individuados foram arrastados pelo indefinido, [...]. Nessa rota desviante, o encontro é contra o esquecimento” (Hickel, 2015, p. 21).

A clínica de (um) aprender é uma tal invenção, proposta desde encruzilhadas conceituais e memoriais, genealogia e, ao mesmo tempo, emergência de efeitos nos acontecimentos. Dramas vividos como ficções de uma verdade, desenrolando uma verdade da ficção. Tanto o deslocamento das histórias clínicas de seu berço original (a Psicopedagogia) quanto o uso do dispositivo (psicodrama) mostram a desinteriorização procedida pela clínica de (um) aprender. É uma vida entre a multiplicidade dos afectos, produzindo um olhar redimensionado sobre o *encenar*, transtornando a linguagem, fazendo-a escapar da sua funcionalidade e representação. Entrar na ficção através do próprio drama é oferecer-se ao acontecimento. Neste, (um) aprender sempre ocorre, deixa seus signos e suas derivas. Essa clínica, tecida com outras, é modo encadeado, variação de um mesmo dizer que não quer dizer-se em mesmo.

Referências

- Agamben, G. (2008). *O que resta de Auschwitz (Homo Sacer III)*. São Paulo: Boitempo.
- Agamben, G. (2006). A potência do pensamento. *Revista do Departamento de Psicologia*, 18(1), 11-28.
- Agamben, G. (2005). *Infância e história: a destruição da experiência e a origem da história*. Belo Horizonte: UFMG.
- Bergson, H. (2006). *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Deleuze, G. (2008). *En Medio de Spinoza*. Buenos Aires: Cactus.
- Deleuze, G. (2006). *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal.
- Deleuze, G. (2003). *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Deleuze, G. (2002). A imanência: uma vida. *Educação e Realidade*, 27(2), 10-18.
- Deleuze, G. (1997). *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2* (Vol. 1). São Paulo: Editora 34.
- Fernández, A. (2001). *Psicopedagogia em psicodrama*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Foucault, M. (2012). *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Hickel, N. K. (2021). *Clínica de (um) aprender: autorias em devir*. Curitiba: Appris.
- Hickel, N. K. (2015). *Vestígios, restos, gestos: testemunhos de autoria* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, UFRGS, Porto Alegre.
- Nietzsche, F. (1998). *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (2010). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina.